

que ele não é uma formação do inconsciente, e deve ser usado logicamente até atingir seu real, suponho que, no final, ele não terá mais sede. Ele nota que Joyce fez mais ou menos isso.

O uso lógico do *sinthoma* ao qual Lacan nos convida se opõe ao seu uso de decifração, que remete à noção de verdade do sintoma e conduz ao real do *sinthoma*. Ao mesmo tempo, isso certamente implica, nos esboços da teoria propostos por Lacan e em sua prática, uma depreciação da verdade e, mais que isso, a ideia de que visar a verdade do sintoma é alimentá-lo.” **p. 16**

“(…) Tratar-se-ia de apreender aqui o pedaço de real que se visa quando se diz ‘não há relação sexual’, que é a face negativa do fato positivo: “há *sinthoma*.” **p. 17**

“(…) O uso lógico do *sinthoma*, sobre o qual Lacan entende reorientar a operação analítica, é, como tal, disjunto de uso social, que é sempre comunicacional. É um uso que tende a ser solipsístico – para dizê-lo em termos filosóficos -, ou ainda autista, em termos clínicos. O uso lógico do *sinthoma* é o ponto de partida do *Seminário: o Sinthoma* e se opõe à decifração do sintoma em termos de verdade. Ele introduz, sem dúvida, um desenvolvimento – não é uma estagnação – mas não é revelação, é redução. Redução de que? Redução a um osso. Redução a um elemento, ou mesmo redução a um significante, mas tudo muda se o significante é representado e, por isso mesmo, concebido como um aro de barbante. Nesse *Seminário*, o aro de barbante com o qual se compõe o nó, aro pra toda obra, vem no lugar do uso que Lacan dava ao significante. O aro de barbante não é um traço, ele fecha, isola, supõe um furo.” **p. 22**

Bordados

“(…) Se é isso, pode-se dizer que, para cada um, o *sinthoma* se inscreve sempre na demissão do pai, e que é na via aberta pela demissão do pai que o significante é causa de gozo. Disso resulta esta função atribuída ao *sinthoma*: ser reparador.” **p. 24**

“(…) É o que é realçado no *Seminário: O Sinthoma*, no qual se vê o *sinthoma* reparar a cadeia borromeana quando seus elementos não se mantêm bem juntos. O *sinthoma* aparece como um operador de consistência que permite ao simbólico, ao imaginário e ao real continuar mantendo-se juntos.” **p. 25**

“(…) No caso Joyce, o sintoma é exatamente uma compensação da carência paterna, carência que se conclui na geração seguinte pela esquizofrenia da filha de Joyce. Como se Joyce tivesse sido o intercessor entre a carência de seu pai e a esquizofrenia de sua filha. É nesse intervalo, no qual se aloja Joyce, que se pode

fazer a hipótese de que ele foi servo da polifonia da fala. Para ele, a língua não pôde se ordenar no regime do pai, pondo-se então a retinir ecos. A hipótese é que esse era seu *sinthoma*, do qual ele fez um produto de arte, de sua arte.”

p. 25

Miller, J.-A. Peças avulsas – comentário sobre Le Sinthome. In: Opção Lacaniana Nº45. Edições Eólia, São Paulo, 2006. Tradução Márcia Souza Bandeira

“(…) No *Seminário: O sinthoma*, o nó é uma escrita. Ele é traçado, desenhado. Esse nó como escrita, como desenho, não deve nada à conexão entre o significante e o significado. Desse modo Lacan pode dizer que o nó modifica completamente o sentido da escrita. Em que consiste essa mudança? O nó desatrela a escrita da fala e, ao fazê-lo, o próprio nó demonstra poder ter o valor de um traumatismo. Ele teve, para os seus ouvintes, e terá, na história da psicanálise, o valor de um traumatismo.” **p. 15**

Miller, J.-A. Conclusão das aulas sobre o Sinthoma. In: Opção Lacaniana Nº46, São Paulo, Edições Eólia, 2006. Tradução Teresinha Meirelles Prado

“(…) O que faz a diferença entre o sintoma e o *sinthoma*? Começamos a apreendê-lo melhor. O sintoma para Freud – pelo menos o Freud renovado, reconfigurado por Lacan – é pensado a partir da verdade. É uma emergência da verdade, ele a representa, e mesmo: ele é verdade – com “é” em itálico, como o encontramos uma vez nos Escritos (“A direção do tratamento e os princípios de seu poder”). Para Lacan, e não para Freud, há o *sinthoma*.

(…) O *sinthoma*, é pensado, se articula, não a partir de a verdade, mas do gozo, como um modo-de-gozar. (...) Os dois termos, verdade e gozo, correspondem a dois regimes bastante diferentes. Como dizer em poucas palavras o regime da verdade? É uma questão de trajetória e de travessia, de errância e de erro, de dissimulação e de decifração, de surpresa e de espanto. O regime do gozo, por outro lado, é pleno de positividade. O gozo só varia do mais ao menos e vice-versa. São dois regimes distintos, duas perspectivas clínicas distintas, duas codificações da experiência!” **p. 13**

“(…) Pelo lado do *sinthoma* e do gozo, não há falta. É aí que Lacan diz, um tanto atabalhoadamente: as pessoas são felizes. Mesmo quando declaram sua infelicidade. Todo encontro, toda hora lhes é boa na medida em que ser serve à repetição.” **p. 14**